

SINTAXE: DE XENOFONTE A AGOSTINHO DE HIPONA¹

Rodrigo Pinto de Brito²

www.rodrigobrito@gmail.com

<https://ufs-br.academia.edu/RodrigoPintodeBrito>

Fernando Adão de Sá Freitas³

fernandosafreitas@gmail.com

RESUMO: Texto em que pretendemos localizar ocorrências do vocábulo *sýntaxis*, desde usos remotos até os primeiros no âmbito da linguagem, feitos pelos estoicos. Pensamos que o desenvolvimento da noção de *sýntaxis* foi crucial para o amadurecimento de uma concepção realista-mentalista de linguagem presente nos primeiros gramáticos gregos, pois eles teriam herdado da filosofia uma interpretação das relações sintáticas entre palavras como modo de exprimir relações sintáticas (i.e.: de ordenação) entre objetos na mente, que por sua vez espelhavam relações sintáticas entre objetos no mundo. Finalmente, avançamos uma interpretação sobre a possível influência da concepção estoica de *sýntaxis* sobre Agostinho de Hipona, via gramáticos gregos.

Palavras-chave: *Sýntaxis*; realismo-mentalismo; estoicismo; gramáticos; Agostinho de Hipona.

ABSTRACT: In this paper we aim to localize some occurrences of the word *sýntaxis*, since the early uses until the first uses linked to languages, made by Stoics. We think that the development of the notion of *sýntaxis* was crucial for the improvement of a realist-mentalist conception of language which can be found in the works of the early Greek grammarians, since they would have inherited from philosophy one interpretation of the syntactic relations between words as a way of expressing syntactic relations between objects of thought, which mirror syntactic relations between objects in the world. Finally, we advance one interpretation on the possible influence of the Stoic conception of *sýntaxis* on Augustine of Hippo, maybe intermediated by the Greek grammarians.

Keywords: *Sýntaxis*; realism-mentalism; Stoicism; grammarians; Augustine of Hippo.

¹ Para Fábio Fortes, pela inspiração.

² Doutor em Filosofia pela PUC-Rio, Pós-Doutorado em Filosofia pela University of Kent, Doutorado em Linguística em andamento pela UFJF. Professor da Universidade Federal de Sergipe.

³ Doutorado em Linguística em andamento na UFJF, bolsista CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PARTE I: DE XENOFONTE A CRISIPO

i- Introdução

Só no nominativo singular, a palavra grega *sýntaxis* tem, em um levantamento preliminar, 854 ocorrências distribuídas pelo *corpus graecorum* que até nós chegou.

Aqui nesta primeira parte, vamos nos ater a algumas dessas ocorrências, e também a outras, em outras declinações. Nossos objetivos são: localizar o vocábulo enquanto pertencente, inicialmente, a um uso “não especializado” da língua grega; em seguida, demonstrar que os primeiros usos especializados eram no âmbito da cosmologia e da física; depois, pensar o processo de transformação do vocábulo em um conceito linguístico. Finalmente, como objetivo mais geral, pretendemos demonstrar como o desenvolvimento da noção de *sýntaxis* foi crucial para o amadurecimento de uma concepção realista-mentalista de linguagem. Mas, para isso, precisamos antes defender a hipótese de que as ciências da linguagem herdam da filosofia, notadamente do estoicismo, uma interpretação das relações sintáticas entre palavras como modo de exprimir relações sintáticas (i.e.: de ordenação) entre objetos na mente, que por sua vez espelhavam relações sintáticas entre objetos no mundo.

ii- Uso lato hodierno e ocorrências remotas de *sýntaxis* entre gregos

Seguindo o dicionário Houaiss da língua portuguesa⁴, por exemplo, podemos observar que atualmente há uma relação estrita do termo “sintaxe” com a gramática, e não só em língua portuguesa, como uma consulta a dicionários de outras línguas vernáculas poderia indicar... Mas, por outro lado, como a consulta ao verbete do Houaiss aponta, etimologicamente a palavra relaciona-se com “arranjo” de objetos no mundo.

Assim, em uma rápida varredura, verificamos que uma das mais remotas ocorrências do vocábulo *sýntaxis* encontra-se em Xenofonte, *Ciropédia* 2.4.1, no acusativo singular (= *sýntaxin*) e referindo-se à “parada militar”. Momento em que as tropas são passadas em revista, verificando seu ordenamento, arrumação, asseio, usualmente em uma cerimônia que envolve a marcha.

⁴ Dicionário Eletrônico Houaiss, versão 1.0, 2001.

Há, ainda em Xenofonte, outro uso notável de *śyntaxis* (igualmente no acusativo singular = *śyntaxin*), na *Ciropédia* 8.1.14, passagem em que a ênfase recai sobre o assunto ao qual deve se dedicar qualquer general que queira ser bem sucedido: a “organização militar” que emprega; ou seja, o modo como estrutura e ordena os componentes das tropas, hierarquizando-os e fixando sua localização nessa estrutura maior que são as tropas em si mesmas.

Xenofonte, mercenário, literato, discípulo de Sócrates, foi um aristocrata ateniense contemporâneo de Platão e que tinha entre seus principais interesses a arte da guerra. Mas rigorosamente, pelo que podemos elucubrar a partir dos títulos de suas obras, ele não tinha qualquer interesse por cosmologia ou física. Sendo Xenofonte um pensador que viveu entre 430-355 a.C., portanto cerca de um século após o florescimento e difusão de uma tradição literário-filosófica, é notável que seja ele um dos usuários mais remotos do vocábulo *śyntaxis*. Esse “pioneirismo” tem coisas a nos informar: 1- *se* os primeiros filósofos estavam de fato interessados em descrever a origem (*arkhé*), os elementos constituintes (*stoikheîa*) e o processo gerativo (*gênesis*) do cosmos, não utilizavam a palavra *śyntaxis* para descrever sua ordenação. Talvez porque seria redundante dizer algo como “ordenação do cosmos” em um contexto em que a própria palavra *kósmos* pode significar “ordenação/ordem” (desde Homero, e.g.: *Ilíada*. 2.214; 10.472; 12.225; *Odisseia*. 8.179; 13.77); 2- apesar de Xenofonte não ser um cidadão ateniense comum, por ser aristocrata e ter acesso aos circuitos intelectuais de sua *pólis*, ainda assim podemos estar bastante seguros que o uso que ele faz dos vocábulos, sem as sutilezas e especificidades da filosofia, é mais ou menos o mesmo que se fazia na Atenas de sua época, se não pelas pessoas comuns, ao menos pelas que eram interessadas por assuntos militares (uma grande parcela da população, pois Atenas estava em plena Guerra do Peloponeso); 3- aparentemente, o uso lato do vocábulo, relacionado à arte da guerra, perdurou, podendo ser visto em autores posteriores, como Aristóteles (e.g.: *Política*.1297b19; 1322a36) e Plutarco (e.g.: *Aristides*. 21.1). 4- Contudo, se o uso lato perdura, ele passa, de fato, a conviver com um uso mais estrito, que cremos ter iniciado com Platão.

iii- Platão:

Passando a Platão, há nele cerca de 10 ocorrências de vocábulos com radical *śyntax*, incluindo formas nominais de verbos, por exemplo em *Fedro*, 263e, 1: *śyntaxámenos* (*śyntássō* no participio aoristo médio nominativo singular).

Agora, vejamos outras ocorrências. Enfatizamos que, metodologicamente, remetemo-nos às passagens de diálogos de Platão seguindo a ordem desses mesmos diálogos que consta em KAHN (1996, pp. 47-48). Portanto, comecemos com a *República*, em que há duas ocorrências de *sýntaxis* no acusativo singular (*sýntaxin*), a primeira no passo 462c, a segunda em 591d.

A ocorrência em *República* 462c está inserida em uma discussão sobre os limites entre a comunidade e o cidadão, a extensão daquilo que eles partilham entre si, enquanto bens ou punição. Assim, Platão faz Sócrates avançar um símile para elucidar melhor o que pensa sobre as relações parte/todo, o símile do dedo cortado, pois embora um dedo qualquer seja único, uma vez ferido, todo o conjunto sente a dor, e em dois diferentes níveis: do corpo e da alma. Por seu turno, esses dois níveis são imbricados, estando submetidos a um mesmo poder (*árkhontos*) e organização (*sýntaxin*). Embora pensemos ser arriscado afirmar que na passagem sob análise há um uso filosófico bem determinado do vocábulo *sýntaxis* que o torne um conceito, por outro lado, pensamos que aqui há um uso muito mais abstrato, ainda que não muito bem delineado, do que o exemplificado anteriormente por Xenofonte. Além disso, vale ressaltar que esse uso abstrato diz respeito às “teses”: de que há uma relação corpo/alma imbricada de tal modo que faz haver uma *sýntaxis* entre essas duas coisas; e, possivelmente, de que há uma *sýntaxis* também específica para o que diz respeito ao corpóreo, e outra específica acerca da alma. Ora, se nossa interpretação é verossímil, então, é plausível afirmar não só que há uma *sýntaxis* intrínseca ao corpo, outra intrínseca à alma, mas que há um outro nível de *sýntaxis* aqui: o do espelhamento da *sýntaxis* corpórea sobre a da alma, e vice-versa, nesse sentido, a *sýntaxis* é entendida como uma espécie de harmonia, como veremos mais abaixo.

Um olhar incauto sobre o uso de *sýntaxis* em *República* 591d, comparado com a ocorrência em 462c, pode causar bastante desapontamento, por assemelhar-se ao uso por Xenofonte, que se refere à organização de coisas no mundo. Contudo, em uma leitura mais atenta, podemos perceber que, assim como em 462c, o vocábulo está inserido em uma discussão que avança a tese de que há uma imbricação, por espelhamento, entre corpo/alma. Assim, em 591d, primeiro Platão argumenta que há uma espécie de “afinação” da alma pela “harmonização” do corpo, e ao homem deve interessar o fortalecimento e a saúde do corpo somente se disso decorrer algum benefício para a alma. Em seguida, o filósofo afirma que o

mesmo se dá com as posses e riquezas, pois sua ordenação (*syntaxis*) e bom uso são resultados de disposições da alma.

Agora, voltemo-nos para a ocorrência de *syntaxis* em *Timeu* 24c (também no acusativo singular = *syntaxis*). Lá, Platão está a tratar de cosmologia, e nos diz que a ordem das coisas foi constituída pela Deusa desde o princípio, o que faz com que cada coisa tenha seu lugar estabelecido. Consequentemente, as relações entre os objetos que compõem o conjunto *kósmos* também são predeterminadas, tanto pela sua natureza específica quanto pela ordenação total do conjunto. Além disso, essa ordem, essa *syntaxis* divina é partilhada com os humanos através da criação de uma pátria originária que haveria de fazer surgir os mais inteligentes entre todos os homens⁵.

Creio que as passagens coletadas até aqui já nos permitem extrair uma conclusão provisória.

iv- Recapitulando:

Através de Xenofonte (*circa*430-355 a.C.), foi-nos possível verificar alguns dos usos mais remotos do vocábulo *syntaxis*, sem especificidade filosófica ou conceitual, remetendo-se ao âmbito da guerra e possivelmente corrente na linguagem ordinária ateniense de sua época (c.f.: *Cir.*2.4.1; 8.1.14). Uso este que perdurou, estando por vezes evidente em Aristóteles (384-322 a.C.) – c.f.: *Pol.* 1297b19; 1322a36 – e mesmo em Plutarco (*circa*120-46 a.C.) – c.f.: *Arist.* 21.1 –, autor tardio, quando comparado com Xenofonte.

Aparentemente, é com Platão (*circa*428-348 a.C.) que *syntaxis* ganha maiores sutilezas, pois passa tanto a referir-se a uma ordenação que há no *kósmos* como um todo (c.f.: *Tim.* 24c), – passo argumentativo inaudito e que fez urgir nas cosmologias pós-Platônicas a necessidade de estabelecer e explicitar as relações de ordenamento (i.e.: sintáticas) entre as partes componentes do *kósmos*– quanto a referir-se a uma ordenação daquilo que diz respeito à alma, que, ademais, espelha a ordenação cósmica, e vice-versa (c.f.:*Rep.* 462c; 591d).

Portanto, podemos provisoriamente afirmar que vimos surgir, nas passagens analisadas, o surgimento simultâneo de 1- uma concepção de alma ordenada (i.e.: sintática); 2- uma concepção de *kósmos* ordenado (i.e.: sintático); 3.1- a de uma imbricação por espelhamento entre alma/mundo; 3.2- a de uma imbricação tal que assevera uma ordenação

⁵ A noção de pátria divinamente organizada também ocorre em *Crítias*120, passagem em que Platão usa a palavra *syntáxas* (verbo *syntássō* no particípio aoristo ativo masculino nominativo singular).

não somente na alma ou no mundo, mas na própria interação alma/mundo, como harmonização.

Não há, contudo, até Platão, nem usos de *sýntaxis* para se referir à ordenação das partes de uma sentença, nem, como resultado disso, a noção de que, se a ordenação do mundo é espelhada pela ordenação da alma, a ordenação da alma é explicitada na ordenação da linguagem. Talvez tenhamos pistas sobre isso ao verificarmos os usos de *sýntaxis* feitos por Aristóteles...

v- Aristóteles:

Quanto ao estagirita, já mencionamos que em *Pol.* (1297b19; 1322a36)⁶ há um uso de *sýntaxis* próximo ao de Xenofonte e relativo ao arranjo de soldados num exército. Resta agora descobriremos se há também em seus escritos: usos relativos à cosmologia (dando continuidade à abordagem de Platão in *Tim.* 24c); se ao uso cosmológico de *sýntaxis* subjazeria uma noção de espelhamento alma/mundo (como em *Rep.* 462c; 591d); e se há um uso do conceito que seja relativo à linguagem.

Assim, partamos para um possível exemplo de uso cosmológico relativo à ocorrência de *sýntaxis* no acusativo singular em *Meteorologia* 355b10.

Primeiramente, *Meteor.* é, em linhas gerais, um tratado em que Aristóteles discute teorias sobre fenômenos naturais, como a evaporação (objeto do supramencionado passo *Meteor.* 355b10). Contudo, não é uma obra que, como a *Física*, visa abordar os componentes (*stoikheîa*) da natureza, por exemplo. De fato, se quiséssemos encontrar indícios de um possível uso de *sýntaxis* pelo estagirita em que este vocábulo diria respeito a uma ordenação do *kósmos*, seria na *Física* ou na *Metafísica* que deveríamos procurar, mas nestas duas obras não há qualquer entrada da palavra. Por outro lado, há esta ocorrência aqui na *Meteor.*, cujo escopo é muito menos abstrato do que aquele que aparece em *Tim.* (24c), pois se trata agora de pensar como a água (um objeto concreto), ingerida, é absorvida pelo corpo (outro objeto

⁶ Na verdade, há, além dessas duas ocorrências paradigmáticas na *Política*, outras cinco na mesma obra que se referem também a objetos no mundo.

concreto). Mas ao investigar isso, Aristóteles é levado a conceber o corpo humano como um composto cujas partes têm uma espécie de ordenação⁷.

Se é frustrante não perceber ocorrências cosmológicas mais robustas de *sýntaxis* em Aristóteles, como há em Platão, é ainda mais decepcionante perceber que, conseqüentemente, não há, girando em torno desse conceito específico, qualquer noção subjacente de espelhamento alma/mundo. Também não há usos relativos à linguagem, seja, por exemplo, na *Retórica* – tratado em que se investiga uma instrumentalização específica da linguagem, a retórica, que é pensada como *corpus* composto por partes que poderiam ser “sintaticamente” ordenadas – ou nas *Categorias* – em que, sendo essa uma obra sobre a predicação, os predicados, além de serem catalogados, poderiam ser pensados como partes sintaticamente ordenadas da oração⁸.

De fato, podemos dizer que uma concepção mais consistente de *sýntaxis*, que parta de intuições platônicas sobre o uso do vocábulo e sobre o funcionamento da linguagem, só se dá com os estoicos.

vi- Os estoicos:

Desde a sua fundação, a escola estoica pensava a filosofia como um sistema cujas partes são lógica (que engloba a epistemologia), física e ética⁹. Mas, de acordo com a concepção grega de *sýstema*, esse *design* sistêmico da filosofia deve ser entendido mais como um todo organizado, com secções organicamente imbricadas, de que um tipo de abordagem que privilegia instâncias estanques da reflexão filosófica. Assim, não é raro encontrarmos noções que possam ser compreendidas a partir dos prismas de cada uma das três partes, desde que atentemos que a compreensão é complementar, como no caso do conceito de “bem”. Pois há, por exemplo, a boa ação moral (âmbito ético), que é a correta e que advém de um reto uso da razão (âmbito epistêmico). Este raciocínio correto, por sua vez, revela e permite conhecer a natureza (física), para que possamos agir conforme seus ditames (retorno à ética).

⁷ Essa noção tornou-se praticamente onipresente na medicina após Aristóteles, e pode ser vista mesmo em Galeno, tardiamente. Assim, para o médico de Pérgamo há, por exemplo, uma ordenação da medicina (cf. *De constit. ad Patrophilum* 1.236.4; 17), e também uma ordenação do esqueleto (cf. *De ossibus* 2.732.2; 734.8; 734.13). Vale salientar que só em *De ossibus* há cerca de quinze ocorrências de *sýntaxis*.

⁸ Ressaltamos que há ocorrências de *sýntaxis* em Aristóteles que não serão analisadas aqui por comporem o *corpus* de fragmentos. São elas: *Frag.* 185; 249; 565; n,4; n,6. E também que estamos trabalhando a partir de mapeamento da palavra *sýntaxis*, e não da sua “irmã” *táxis*.

⁹ Para uma introdução geral à história do estoicismo e à sua concepção de filosofia, ver: BRITO, 2016, pp. 113-126.

Podemos dizer que, assim como o conceito de “bem”, a palavra *sýntaxis* também é empregada, pelos estoicos, em três diferentes âmbitos, de acordo com a tripartição da filosofia. Mas seu principal emprego é feito no âmbito da linguagem, e precisamente nisso difere daquele emprego pelos filósofos predecessores. Cumpre ainda salientar que é somente com os estoicos que o vocábulo sob investigação ganha contornos mais bem definidos que o fazem tornar-se um conceito filosófico robusto, tendo sido abordado por Crisipo de Sólis (circa 280 a.C. - circa 208 a.C.; terceiro escolarca da Stoá) em um tratado em quatro livros (*Da Sintaxe*, cf. *D.L.* VII, 192), e possivelmente em outro tratado, dedicado a um tal Filipo, em três livros (*Da Sintaxe e dos Elementos da Oração*, cf. *D.L.* VII, 193).

Contudo, ao redigir estes tratados, Crisipo estava lidando com uma noção totalmente sem precedentes na história do uso do vocábulo *sýntaxis* e das ciências da linguagem, a de que há uma sintaxe no discurso¹⁰, cujo primeiro proponente foi Zenão de Cítio (circa 333 a.C. - circa 263 a.C.), o fundador da Stoá, cujo fragmento cito:

“Symbolical argument is a combination of full argument and mood; e.g. "If Plato is alive, he breathes; but the first is true, therefore the second is true." This mode of argument was introduced in order that when dealing with long complex arguments we should not have to repeat the minor premiss, if it be long, and then state the conclusion, but may arrive at the conclusion as concisely as possible : “if A, then B”.

Of arguments some are conclusive, others inconclusive. Inconclusive are such that the contradictory of the conclusion is not incompatible with combination of the premisses, as in the following : "If it is day, it is light; but it is day, therefore Dion walks."¹¹

Apesar de ruim, a tradução inglesa de Hicks das *Vidas*, de Diógenes Laércio, permanece como uma das mais consultadas, tornando especialmente notável a ocultação, no vernáculo, de conceitos que estão evidentes no original grego. Um bom exemplo é a ocorrência do vocábulo *sýntaxis* no dativo plural (i.e.: *syntáxesi*), concordando com a expressão dativa plural *taís makrotérais* (precedida por *en*) e sendo seguido por *tōn lógōn*, portanto, gerando

¹⁰ Do nosso ponto de vista, talvez possa parecer contra intuitivo pensar em sintaxe *fora* do âmbito da linguagem. Mas para os gregos era o contrário, pois a sintaxe dizia respeito, sobretudo, a um ordenamento de objetos concretos, saliento.

¹¹ "Λογότροπος δὲ ἐστὶ τὸ ἐξ ἀμφοτέρων σύνθετον, οἷον "εἰ ζῆ Πλάτων, ἀναπνεῖ Πλάτων: ἀλλὰ μὴν τὸ πρῶτον: τὸ ἄρα δεύτερον." Παρεισθήθη δὲ ὁ λογότροπος ὑπὲρ τοῦ ἐν ταῖς μακροτέραις συντάξεσι τῶν λόγων μηκέτι τὴν πρόσληψιν μακρὰν οὕσαν καὶ τὴν ἐπιφορὰν λέγειν, ἀλλὰ συντόμως ἐπενεγκεῖν, "τὸ δὲ πρῶτον: τὸ ἄρα δεύτερον." Τῶν δὲ λόγων οἱ μὲν εἰσὶν ἀπέραντοι, οἱ δὲ περαντικοί. ἀπέραντοι μὲν ὄν τὸ ἀντικείμενον τῆς ἐπιφορᾶς οὐ μάχεται τῇ διὰ τῶν λημμάτων συμπλοκῆ, οἷον οἱ τοιοῦτοι, "εἰ ἡμέρα ἐστὶ, φῶς ἐστὶ: ἡμέρα δὲ ἐστὶ: περιπατεῖ ἄρα Δίων." A tradução é de HICKS, 1925.

algo similar à expressão: “nas grandes ordenações dos argumentos...”, que Hicks traduz como: “when dealing with long complex arguments”, fazendo desaparecer a *sýntaxis*.

Ou seja, o que Zenão de Cítio pioneiramente está fazendo aqui e que Hicks não nos permite perceber é usar *sýntaxis* como equivalente a um princípio de ordenação para a construção de um argumento. Mas não só. Se formos olhar a passagem como um todo, este uso de *sýntaxis* se dá em um tipo específico de argumento, uma condicional, que envolve uma implicação que pode ser testada através da negação da conclusão, quando esta negação torna-se incompatível com a conjunção das premissas. Isto é, a noção de *sýntaxis* aqui se remete a uma sentença, a qualquer sentença, mas também *entre* sentenças *e* em relação de acarretamento, como se evidencia pelo exemplo fornecido por Zenão de Cítio, qual seja: (1) a- Platão está vivo; b- Platão respira. Desse modo, negando-se a sentença 1-b, atesta-se a relação de acarretamento entre ela e 1-a.

Portanto, podemos concluir que há tanto uma *sýntaxis* dentro de uma sentença, quanto na relação dela com uma outra.

Agora, se formos considerar a teoria estoica da linguagem, veremos que para estoicos há vários tipos de argumentos¹², formados por dizíveis (*lektá*). Por sua vez, os *lektá* são resultado de uma impressão racional (*phantasía logiké*), que tem conteúdo proposicional e se dá a partir da articulação linguística, mas estritamente intramental, de uma impressão qualquer, que resulta causalmente de um estado de coisas externo.

Talvez um esquema ajude:

1- “estado de coisas”, ou “o que vem ao caso” (*tynkhánon*) → 2- “impressão” (*phantasía*).

Há uma relação causal entre 1 e 2 (simbolizada por →), pois ambos são corpóreos¹³. Contudo, não há relação causal entre 2’ e 3 abaixo, mas de simultaneidade (simbolizada por //), uma vez que os *lektá* são incorpóreos:

2’- “impressão racional”, ou “apresentação à mente, por meio de palavras, de uma impressão” (*phantasía logiké*) // 3- “dizível”, definido como: “subsistente de acordo com uma impressão racional” (*lektá*).

¹² Cf. DINUCCI & DUARTE, 2016, pp. 59-75.

¹³ Os corpóreos são, segundo definição estoica clássica e padrão, tudo aquilo que sofre e causa efeito. Cf. BRITO, 2013.

Assim, fica claro que, segundo os estoicos e em termos semânticos, os dizíveis são portadores de significado que representam uma impressão mental que espelha um estado de coisas externo, objetivo, em um paradigma realista-mentalista da linguagem.

Mas e a *sýntaxis*?

Bem, já vimos que Crisipo debruçou-se sobre este tema, tendo possivelmente escrito duas obras sobre ele, em sete livros, e também que o filósofo provavelmente estava elaborando uma versão, criada por Zenão de Cítio, de *sýntaxis* como ordenação em âmbito linguístico, tanto numa sentença específica, quanto na articulação entre duas ou mais sentenças. Ora, em um eixo mentalista, se 1- as sentenças são, para estoicos, articulações de estados mentais (pela voz ou pela escrita); e se 2- uma linguagem acurada articula com *precisão* esses estados mentais, então não haveria somente a representação de pensamentos por nomes, em uma linguagem sintaticamente ordenada, mas também a representação da própria ordenação do pensamento, uma *sýntaxis* intramental que aparece e determina a construção da *sýntaxis* no discurso, quando proferido.

Agora, no eixo realista, devemos considerar que 1- em epistemologia, estoicos consideravam que conhecer algo é um processo que ocorre quando se tem uma *phantasia* que (a) deriva de um estado de coisas, (b) representa com acurácia esse estado de coisas, (c) está gravada na mente¹⁴. Isso significa dizer que, para estoicos, as impressões, para serem verdadeiras, devem espelhar o mundo externo com precisão. E se um discurso representa um estado mental que, por seu turno, representa um estado de coisas, então, em termos sintáticos, a ordenação em uma sentença e entre duas ou mais sentenças representa a ordenação de pensamentos que representam a ordenação dos próprios objetos no mundo.

Nossa hipótese de que há, com os estoicos, não somente uma perspectiva de funcionamento realista-mentalista da linguagem – no sentido de que os nomes significam objetos do pensamento que representam objetos no mundo –, mas também em sentido sintático – isto é, que a própria ordenação dos nomes no discurso significa a ordenação de objetos do pensamento, que representa a ordenação cósmica – pode ser corroborada, agora, por um curioso fragmento de Crisipo presente em Plutarco (*De Stoicorum repugnantiis* cp. 44 p. 1054e.8). O fragmento em questão faz parte de uma seção em que Plutarco pretende mostrar como absurda a concepção Crisipeana de mudanças, ciclos e movimento cósmicos, pois Crisipo pensava que o *kósmos* é perfeito, o que faria com que não houvesse movimento.

¹⁴ Esse tema dos critérios para uma *phantasia* nem é inequívoco e nem imutável. Cf. DINUCCI, 2017.

Mas Crisipo rejeitava essa conclusão eleata da imobilidade, porque, não obstante a perfeição do *kósmos* como um todo, suas partes e componentes que o constroem não são perfeitos, e por isso movem-se, causando o movimento do todo cósmico. Ou seja, há uma *sýntaxis* do *kósmos*, e não só, além disso, ela desempenha uma importante função na cosmologia Crisipeana, sendo a causa do movimento, entendido como a mudança da ordenação e do arranjo de determinados componentes cósmicos básicos (*stoikheîa*).

vii- Conclusão da parte I:

Nossa intenção inicial era, após uma varredura do vocábulo *sýntaxis* no TLG, localizar usos em ordem cronológica, mostrando seu desenvolvimento. Começamos então com usos remotos, por Xenofonte, relativos à ordenação de objetos no mundo e sem sutilezas filosóficas. Usos mais abstratos do vocábulo foram feitos por Platão para referir-se à ordenação da alma, do corpo ou da cidade, e mesmo da relação entre essas três coisas. Aristóteles, por outro lado, parece utilizar o vocábulo de acordo com o senso comum, muito próximo aos usos de Xenofonte. Foi somente com os estoicos, desde Zenão de Cítio, que pudemos ver uma noção linguística de *sýntaxis*, enquanto ordenação em uma sentença e entre sentenças. Mas foi com Crisipo que a abordagem estoica sobre o conceito de *sýntaxis* ganhou robustez, tendo ele escrito obras especificamente sobre o tema e tendo também utilizado o vocábulo para referir-se à ordenação cósmica.

Assim, é no estoicismo que percebemos o papel da *sýntaxis* em sua concepção de linguagem, que é realista-mentalista. Ou seja, com estoicos há uma relação de espelhamento entre a ordenação cósmica e a ordenação do discurso, intermediada por uma ordenação intramental.

Para encerrar esta parte I, gostaríamos de salientar que não descartamos que os autores antigos paradigmáticos para as perspectivas realista e mentalista do significado sejam Platão e Aristóteles¹⁵. Concordamos ainda que Platão é o primeiro a desenvolver a noção de que o significado de uma sentença é verdadeiro se expressa uma relação existente no mundo entre o nome (que significa um objeto) e o verbo (que significa a ação desse objeto)¹⁶. Mas o fato é que nosso recorte foi o conceito de *sýntaxis*, portanto não bastava apenas falar sobre o desenvolvimento da perspectiva realista-mentalista, mas de como filósofos que adotaram essa

¹⁵ Cf. MARTINS, 2004, pp. 439-473.

¹⁶ Cf. IGLÉSIAS, 2003.

perspectiva conceberam as relações entre ordenação nos âmbitos linguístico, mental e do mundo; nisso os estoicos são os pioneiros, e também são os grandes responsáveis por transmitir essa concepção aos primeiros gramáticos¹⁷.

PARTE II: DE APOLÔNIO DÍSCOLO A AGOSTINHO DE HIPONA

i- A *Sýntaxis* de Apolônio Díscolo:

Mantendo nossa investigação ainda no mundo grego, Apolônio Díscolo (sec. II d.C.) destaca-se como um importante gramático, tendo feito a primeira descrição da sintaxe da linguagem em um sentido estrito. Para além disso, as obras de Apolônio Díscolo foram influenciadas e tiveram uma grande influência sobre um dos ramos da filosofia de seu tempo, a lógica estóica (LUHTALA, 2003, p. 207). Uma amostra dessa relação entre gramática e dialética, como podemos ver, por exemplo, aparece no primeiro livro de seu *Perì Suntáxeos*:

1.7 ei peripatei Dionusios, kineitai ("If Dionysius is walking, he is moving. [He is walking, he is moving]") But it is false [if one says]: Dionusios kineitai ("Dionysius is moving"), peripatei ("he is walking") When the two statements are reversed, the whole is no longer true.¹⁸

A citação acima revela que os valores de falsidade ou veracidade da proposição dependiam da ordenação das palavras. Nesse sentido, a ordem da palavra pode(ria) determinar se a sentença deve(ria) ser considerada verdadeira ou falsa. Então, nesta passagem, observamos uma espécie de relação estabelecida por Apolônio Díscolo entre a gramática e a lógica (dialética). Em um domínio mais específico, vemos que o valor de verdade ou falsidade de uma proposição está ligada a uma dimensão mais abstrata, a qual, nesse caso, se perfaz

¹⁷ Cf. LAMBERT, 2011.

¹⁸ Cf. “εἰ περιπατεῖ Διονύσιος, κινεῖται· οὐ μὴν, εἰ Διονύσιος κινεῖται, περιπατεῖ. ἀντιστρέφοντος γὰρ τοῦ λόγου οὐκ ἀληθεύει τὸ ὅλον”. (Ed. By Uhlig, 1910). Translation by Fred Householder (1981, p. 21). Como foi observado mais acima na tradução de Hicks a respeito de Diógenes Laércio, o termo *sýntaxis* ou mesmo uma de suas variações não aparece nesse trecho da obra de Apolônio Díscolo, por sua vez, a interpretação que podemos fazer dele nos permite inferir de que o gramático alexandrino está se referindo ao termo em questão ao dar esse exemplo.

através do uso da linguagem, mas mais do que isso, pois serve também para demonstrar como esse “fenômeno” ocorre.

No mesmo século, no contexto Romano, a mesma interrelação entre gramática e lógica pode ser observada no *Peri Hermeneias (De interpretatione)* de Apuleio (séc. II d.C.) Nesse seu trabalho, Apuleio revelou suas influências de outros sistemas filosóficos como, por exemplo, o aristotelismo e o estoicismo. Sua definição de filosofia, por sua vez, parece refletir o ponto de vista estoico, uma vez que segundo ele: "o estudo da sabedoria, que chamamos de filosofia, parece que para a maioria das pessoas tem três espécies ou partes: a natural, a moral e a racional, na qual está contida a arte de argumentar [*ars disserendi*]"¹⁹. Pela composição da obra, parece que Apuleio escreveu esse pequeno tratado para falar da terceira parte da filosofia estoica, segundo sua própria definição, isto é, sobre a lógica. Encontramos, por exemplo, no capítulo IV do *Peri Hermeneias (De interpretatione)*, a questão que ele levantou sobre a ordem das palavras a fim de discutir sobre a veracidade das sentenças: “Não é, com efeito, porque é verdadeiro que *todo homem é animal*, que, por causa disso, se invertida [a proposição], será verdadeiro que *todo animal é homem*.”²⁰

Em ambos casos descritos acima, observamos que o “exercício” tanto no âmbito gramatical, quanto no filosófico esboça uma preocupação e uma dimensão acentuada em relação ao entendimento, assim como o funcionamento da ordenação da linguagem. Nesse sentido, a ordem das palavras interfere, ou reformulando, avança para o campo da epistemologia. Não é só o conteúdo (lexical/semântico) dos vocábulos que pode delimitar os valores de verdade, mas também a ordem/sintaxe desses elementos dispostos.

Se, por um lado, Apolônio Díscolo e Apuleio, esse no âmbito filosófico e aquele no gramatical, nos revelam pistas de maneira separadas, já que a finalidade de ambos era distinta em relação ao conteúdo e públicos de suas obras; por outro lado, Santo Agostinho parece ter, ainda que a sua maneira, tangenciado os dois domínios em obras que ele escreveu, praticamente, no mesmo período. Para isso, adotaremos a análise e investigação de dois pequenos tratados que o jovem Agostinho compilou em 386/387 d.C., a saber: a *Ars (pro*

¹⁹ Cf. “*Studium sapientiae, quod philosophiam vocamus, plerisque videtur três species seu partes habere: naturalem, moralem et de qua nunc dicere proposui rationalem, qua continetur ars disserendi.*” (Apul., *Peri herm.*, I). Ed. By Londey and Johanson, 1987, p. 82.

²⁰Cf. “*Non enim, qui verum est omnem hominem animal esse, idcirco, si convertas, verum erit omne animal hominem esse.*” (Apul., *Peri herm.*, IV). Ed. By Londey and Johanson, 1987, p. 84-86

*fratrum mediocritate) breuiata*²¹ e o *De dialectica*²², as quais ele menciona em suas *Retractationes* (I,6).

ii- A *Ordinatio [uerborum]* de Santo Agostinho:

Antes de chegarmos às questões estabelecidas por Agostinho sobre a ordem das palavras faz-se necessário entendermos previamente como ocorre a junção/ união dos vocábulos. Não podemos nos esquecer que o termo *sýntaxis* tem como raiz etimológica duas funções da linguagem e não apenas uma, que ao que nos parece se convencionou no uso hodierno do termo, isto é, *syn* (junção/união) + *taxis* (disposição/ordenação). Nesse sentido, o termo grego é sincrético, mantém em sua forma primária os movimentos básicos de formação e estruturação linguística. Para os romanos, por sua vez, parece que tal latinização do termo não ocorreu de forma satisfatória, tal proposta só ocorrerá no século VI d.C. quando o gramático Prisciano de Cesareia fez a equivalência entre *syntaxis* e *constructio* (Prisc., *Inst, gramm.*, XVII, 4-6). Diante desse quadro histórico, vemos em Agostinho uma tentativa de apresentar uma explicação tanto para a união e junção das palavras, quanto para a sua ordenação. Como tentaremos apresentar abaixo.

No *De dialectica*, ele desenvolve algumas considerações sobre a ambiguidade das palavras, basicamente, no capítulo IX deste pequeno texto. Em outra parte do texto, como já mencionamos acima, Agostinho argumenta que a *ordinatio* (*De dial.*, VI) é uma das quatro propriedades das palavras, juntamente, com a *origo* (origem), *uis* (significado/valor) e a *declinatio* (declinação). No entanto, o significado deste termo empregado pelo jovem Agostinho é de difícil entendimento, especialmente pelo fato de que, no *De dialectica*, ele não desenvolve o tema em questão.

Por outro lado, ele faz uma longa observação em relação à ambiguidade das palavras, no capítulo IX do *De dialectica*, Agostinho diz:

Com efeito, quando se afirmou que toda palavra é ambígua, tratava-se de palavras tomadas isoladamente. Ora, as palavras ambíguas são explicadas na argumentação, e ninguém argumenta com palavras isoladas. Então, ninguém

²¹ Quanto aos problemas de autoria desse pequeno tratado, ver os estudos de: LAW, 1984; BERMON & BONNET, 2013.

explicará palavras ambíguas com palavras ambíguas. Assim, ainda que toda palavra seja ambígua, ninguém explicará a ambiguidade das palavras com palavras ambíguas, mas com as palavras conjuntas (unidas) entre si. (Aug., *De dial.*, IX).²³

Quando encontramos, nessa passagem, a proposição “toda palavra é ambígua” [*omne uerbum esse/ambiguum*], vemos estabelecida a relação que Agostinho faz com a lógica estoica, já que essa sentença parece ser uma proposição crisipiana, que também está presente nas *Noctes Atticae* (XI, 20, 1) de Aulo Gélcio, assim como no *Hortensius* (frag., 24 Ed. por Grilli, 1962) de Cícero, texto esse que Agostinho adota como base e cita no início do capítulo ao introduzir o tema da ambiguidade das palavras. Outro indício de que Agostinho, provavelmente, conhecia, senão as fontes diretas de Crisipo, mas, pelo menos as fontes indiretas, é percebido ao encontrarmos o nome de Crisipo citado no *Contra Academicos* e no *Contra Cresconium* (I, 19, 24), já nesse texto Agostinho menciona a leitura dos *stoicorum libri* (livros dos estoicos).

Recuando um pouco e tomando como nota as considerações que Agostinho realiza também em sua *Ars breuiata*, vemos o segundo elemento da sintaxe aparecer, através de algumas observações, principalmente, quando Agostinho menciona o “funcionamento sintático” das conjunções latinas.

Neste trecho das *Ars breuiata*, temos:

92. [VII 4] Existe a ordem das conjunções, de acordo com o que é observado, há as que são somente prepostas e as que são somente pospostas, há também as que são prepostas e pospostas: *nam* é preposta, somente; *que* é posposta, somente, *scilicet* é preposta e posposta. Com efeito, se alguém pergunta, por conta do verbo, *cui dicis?* [a quem falas?], respondemos *huic et tibi* [a este e a ti]; não podemos dizer *huic tibi et*; do mesmo modo, se respondermos *huic tibi que*, não pode se dizer *huic que tibi*. Porém podemos responder: *scilicet tibi* e *tibi scilicet*. (Aug., *Ars breu.*, I, 92).²⁴

Através da leitura desse excerto, podemos concluir que a ordenação das palavras na

²³ Grifos nossos. “Quod enim dictum est omne uerbum esse / ambiguum de uerbis singulis dictum est. Explicantur autem ambigua disputando et Nemo utique uerbis singulis disputat. Nemo igitur ambigua uerba uerbis ambiguis explicabit. Et tamen cum omne uerbum ambiguum sit, Nemo uerborum ambiguitatem nisi uerbis sed iam coniunctis quae ambigua non erunt explicabit.” (Aug., *De dial.*, IX; Edição de Pinborg (1975, p. 107-109).

²⁴ Grifos nossos. “Ordo coniunctionum est per quem obseruatur quae praeponi tantum possit, quae tantum subiungi, quae et praeponi et subiungi: nam tantum praeponitur, que tantum subiungitur, scilicet et praeponitur et subiungitur. Nam si quis quaerat, uerbi causa, <<cui dicis?>>, respondemus <<huic et tibi>>: non possumus dicere <<huic tibi et>>; item respondemus <<huic tibi que>>: non potest dici <<huic que tibi>>. Respondere autem possumus <<scilicet tibi>> et <<tibi scilicet>>. « (Aug., *Ars breu.*, I, 92. Ed. BONNET, 2013, p. 43).

língua latina não parece ser tão aleatória. Agostinho demonstra que a ordem das palavras depende também do seu arranjo geral. Nesse sentido, temos, primeiramente, que o comportamento sintático das conjunções, por exemplo, *que* (e) era entendida de forma bem diferente de *scilicet* e *et*. Portanto, sua ordenação na sentença dependia, além disso, de que tipo de palavra era, ou seja, seu significado compunha uma parte importante dessa determinação posicional. Por sua vez, Agostinho na *Ars breuiata* não nos fornece outros exemplos além desse.

Em síntese, se quisermos ir além da investigação que se convencionou a respeito desse tema, precisamos observar essa passagem da *Ars breuiata* junto com os outros elementos sintáticos que estão presentes no *De dialectica*. Análise essa que ainda não aparece nos comentadores dos gramáticos latinos de forma sistemática, mas há pistas que nos indicam um possível uso e desenvolvimento do conceito de *syntaxis* ao longo da tradição filosófica e gramatical. De certo, não podemos dar uma resposta definitiva da reflexão que Agostinho faz da sintaxe - se é que há alguma -, no entanto, podemos alargar nossos horizontes para novas perspectivas investigativas. Dessa forma, nós trabalhamos com a hipótese de que não haveria uma ruptura no pensamento linguístico em relação ao tema, mas que no período da Antiguidade Tardia, especificamente, nas observações de Santo Agostinho, o pensamento sobre a sintaxe se deu em duas frentes concomitantes, ou seja, na gramática e na dialética.

III- REFERÊNCIAS:

i- Fontes primárias:

APOLÔNIO DÍSCOLO. *Appolonii Dyscoli quae supersunt*. In: SCHNEIDER, R. & UHLIG, G. *Grammatici Graeci*, 1-3. Leipzig: Teubner, 1878-1910 (republicado: Hildesheim: Olms, 1965).

APOLÔNIO DÍSCOLO. *The Syntax of Apollonius Dyscolus*. Translated and with commentary by Fred W. Householder. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1981.

APULEIO. *The Logic of Apuleius*. Including a complete Latin text and English translation of the *Peri Hermeneias* of Apuleius of Madaura by D. Londey and C. Johanson. Laiden: Brill, 1987.

ARISTÓTELES. *Aristotle's Meteorologica*. LEE, H.D.P. (trad.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1952.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers*. HICKS, R.D. (trad.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

GALENO. *Claudii Galeni Opera Omnia*, 14 vols. KÜHN, K. G. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

PLATÃO. *The Republic*, 2 vols. SHOREY, P. (trad.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1937 (1930).

PLATÃO. *Plato in Twelve Volumes*, vol. 9. LAMB, W.R.M. (trad.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. LOPES, R. (trad.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

PLUTARCO. *Plutarch's Morals*. GOODWIN, W.W. (ed.). Cambridge: Press Of John Wilson and son, 1874.

SANTO AGOSTINHO. *De dialectica*. Translated by Darrel Jackson and edited by Jan Pinborg. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1975.

SANTO AGOSTINHO. *Abrégé de la grammaire de Saint Augustin*. Texte établi, Introduit et Commenté par Guillaume Bonnet; Traduit par Emmanuel Bermon Paris: Les Belles Lettres, 2013.

Thesaurus Linguae Graecae. Califórnia: University of California, 2014.

VON ARNIN, H. F. A. (ed.). *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 4 vols. Munich: K.G. SAUR VERLAG, 2010.

XENOFONTE. *Xenophon in Seven Volumes*, vols. 5 & 6. MILLER, W. (trad.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

ii- Comentadores:

BARATIN, M. *La naissance de la Syntaxe a Rome*. Paris: Minuit, 1989.

BARATIN, M. et. al. *Priscien*. Grammaire, livre XVII – Syntaxe I. Paris: Vrin, 2010.

BASSET, L. et. al. *Bilinguisme et terminologie grammatical Gréco-Latine*. Orbis/Supplementa. Paris: Peeters, 2007.

BERMON, E; BONNET, G. *Abrégé de la grammaire de Saint Augustin*. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

BRITO, R.P. *A física da Stoá*. In: *Anais de filosofia clássica*. Vol. 7, nº 14, 2013.

BRITO, R.P. *Sobre a filosofia do pórtico, de Zenão de Cítio a Posidônio de Rodes*. In: DINUCCI, A.; DUARTE, V. *Introdução à lógica proposicional estoica*. Aracaju: Editora UFS, 2016, pp. 113-126.

DESBORDES, F. *Idées grecques et romaines sur le langage – travaux d’histoire et d’épistémologie*. Lion: ENS editions, 2007.

DINUCCI, A. *O conceito estoico de phantasia: de Zenão a Crisipo*. In: *Archai*, nº 21, set.-dez. 2017, pp. 15-38.

DINUCCI, A.; DUARTE, V. *Introdução à lógica proposicional estoica*. Aracaju: Editora UFS, 2016.

EGLI, U. *Stoic syntax and semantic*. In: TAYLOR. (Org.). *History of Linguistics in Classic Period*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

ELLSFER-VAN-KETEL, ELS. *The Historiography of Grammatical Concepts*. 19th- and 20th-century changes in subject-predicate conception and the problem of their historical reconstruction. Amsterdam: Rodopi, 1991.

FREDE, M. *Essays in Ancient Philosophy*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.

- IGLÉSIAS, M. *A relação necessária entre a primeira parte e a parte central do Sofista de Platão*. In: *Boletim do CPA*. Campinas, nº 15, p. 143-155, 2003.
- ILDEFONSE, F. *La naissance de la grammaire dans l'Antiquité grecque*. Paris: VRIN, 1997.
- KAHN, C. *Plato and the Socratic Dialogue, the philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KOERNER, E. F. K.; AUROUX, S.; NIEDEREHE, H. J.; VERSTEEG, K. (Eds.). *History of the Language Sciences/ Histoire des sciences du langage/Geschichte der Sprachwissenschaften: An International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2000-2006. 3v.
- LAMBERT, F. *Syntax before Syntax: Uses of the Term σύνταξις in Greek Grammarians before Apollonius Dyscolus*. In: MATTHAIOS, S.; MONTANARI, F.; RENGAKOS, A. (eds.). *Ancient Scholarship and Grammar Archetypes, Concepts and Contexts*. Berlin: De Gruyter, 2011. Pp. 347-360.
- LAW, V. *The History of Linguistics in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LAW, V. 'St. Augustine's 'De Grammatica': Lost or Found?', *Recherches Augustiniennes et Patritiques* Vol. 19. Brepols, 1984. pp. 155-183.
- LONG, A. Stoic linguistics, Plato's Cratylus, and Augustine's De dialectica. In.: FREDE, D; INWOOD, B. *Language and Learning: Philosophy of Language in the Hellenistic Age*. Proceedings of the Ninth Symposium Hellenisticum. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LUHTALA, A. *Grammar and Philosophy in Late Antiquity*. Studies in the history of languagesciences. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- LUHTALA, A. *On the Origin of Syntactical Description in Stoic Logic*. The Henry Sweet Society Studies in the History of Linguistics 7. Münster: Nodus Publikationen, 2001.
- MARTINS, H. *Três caminhos na filosofia da linguagem*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). *Introdução à linguística*, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- SCHENKEVELD, D. M. Why no part on syntax in the greek school grammar? Solecisms and Education. In.: *Histoire, Épistémologie, Langage*. Tome 22, fascicule 1, 2000. pp. 11-22.
- SWIGGERS, P; WOUTERS, A. *Syntax in Antiquity*. Orbis/Supplementa. Paris: Peeters, 2003.
- TAYLOR, D. Desperately seeking syntax: rewriting the history of syntactic theory in Greece and Rome. *Language & Communication*, Vol. 13, No. 4, 1993. pp. 265-285.

iii- Obras de referência:

Dicionário Eletrônico Houaiss, versão 1.0, 2001.

GLARE, P. G. W. *et al.* (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

LIDELL, H. G.; SCOTT, R.A *Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. With the assistance of. Roderick McKenzie.* Oxford: Clarendon Press, 1940.

Randon House Webster's Unabridged Dictionary, vol. 3.0, 1999.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Diccionario Latino-Portuguez.* 9. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SCHAD, S.A *lexicon of Latin grammatical terminology.* Studia Erudita. Roma: Fabrizio Serra, 2007.